

ESTADO DE SÃO PAULO Por que a economia não desabou?

25 JUL 1992

MARIO AMATO

Quando os empresários organizam jantar ao ministro Márcio Marques Moreira e vão tomar café da manhã com o presidente Collor, eles não estão agindo de maneira alienada nem sugerindo um pacto de impunidade.



As investigações da CPI devem continuar e ir até o fim. Enquanto isso, como acontece nas nações do Primeiro Mundo, o País não pode parar, pois aí quem paga a conta é principalmente a camada mais pobre da população.

A CPI de PC Farias não pode protelar o projeto de modernidade do País, nem a indispensável votação da Reforma Fiscal. Cada dia de recessão é mais um dia de sofrimento, de angústia e de desesperança.

Antes de subserviência, a atuação dos empresários na grave crise que passamos é demonstração inegável do amadurecimento do País e das instituições.

A despeito do caos político, o lado saudável da economia continua produzindo, exportando, melhorando a sua estrutura organizacional, aumentando a sua competitividade. Não fosse isso, o País já teria rolado ladeira abaixo.

Se chegou a ocorrer uma queda nas cotações das Bolsas e elevação do dólar, a verdade é que não aconteceu

um descontrole nos preços, e a inflação manteve-se em torno dos 20%.

Por outro lado, está evidente a redução das pressões monetárias. Em agosto será liberada a última parcela dos cruzados novos, o que diminuirá a necessidade de colocação de títulos públicos.

O desemprego, segundo dados da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), já está estancado, favorecendo o comportamento positivo ao consumo, já que existe uma reserva de pessoas físicas e jurídicas na poupança, Fundão e DER.

Lembro-me que, há pouco mais de dois anos, as denúncias que cercavam o presi-

dente Menem, da Argentina, eram tão ou mais graves que as que se levantam contra Collor.

Lá o embaixador dos Estados Unidos, Terence Todman, exigiu do governo argentino o afastamento de um alto funcionário do governo que havia solicitado propina à empresa americana Swift-Armour. Esse funcionário era Emir Fuad Yoma, cunhado e assessor do presidente Menem.

Em Buenos Aires, empresários ligados a Menem eram cassados e processados sob a acusação de contrabandar automóveis, enquanto militares da ativa próximos ao Palácio eram

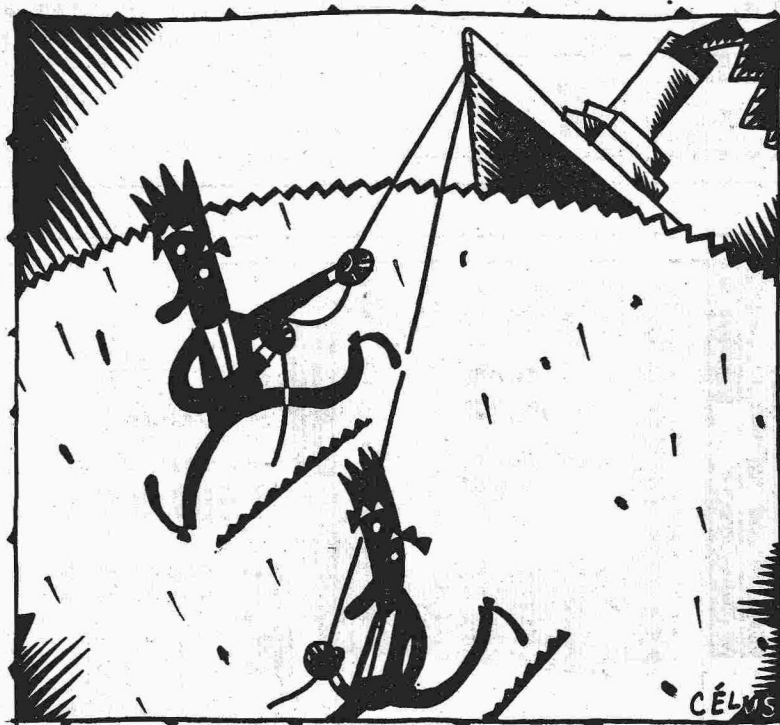
presos em flagrante por integrar uma quadrilha de assaltantes de caminhões de carga.

Quando tudo parecia perdido, mais uma bomba veio atingir em cheio o combalido governo Menem: a justiça espanhola denunciou o envolvimento de Amira Yoma, secretária particular e cunhada de Menem, com a lavagem de narcodólares.

Foi em meio a esse caos — que uniu partidos, imprensa, entidades civis e empresários — que o ministro Cavallo, combinando um duro choque fiscal com a prefixação do dólar, derrubou a inflação de 30% para menos de 10%. E, hoje, a economia argentina e o próprio país estão sendo apontados como exemplo de estabilidade.

Nos momentos mais difíceis, e diante da perspectiva de um desenlace fatal com a renúncia do presidente, o ministro Cavallo foi à televisão e disse com veemência: "A Argentina é mais importante que todos nós que somos passageiros. É preciso dizer a verdade ao povo. Trabalhemos com a verdade e com a transparência que as pessoas acreditarão em nós."

Se a economia brasileira continuar funcionando com cada um cumprindo as suas obrigações, inclusive a CPI de PC Farias, este País vai, de uma vez por todas, virar a página da corrupção, dos cartórios, da miséria, da reserva de mercado e da secular ineficiência do Estado.



■ Mario Amato é presidente da Federação e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp/Ciesp).